



A OCUP(AÇÃO) E A PRÁTICA EDUCATIVA DE UM DOCENTE VIADO NOS ANOS INICIAIS: RESISTÊNCIAS CRIATIVAS QUE TORCEM O CURRÍCULO

Eixo Temático 15 – Gênero e Sexualidades no contexto escolar como resistências inventivas: o que pode o “chão da escola?”

Igor Machado da Rosa ¹

RESUMO

Busco com esse trabalho problematizar, por meio de uma escuta autonarrativa, como minha experiência enquanto docente viado nos anos iniciais produz vazamentos e deslocamentos na ordem dos gêneros e sexualidades. Para isso, utilizo a Escrivência de Conceição Evaristo como ferramenta metodológica, por propor uma escrita a partir de corpos marginalizados. Para análise das (auto)narrativas, busquei priorizar teorizações pós-críticas e pós-estruturalistas, em especial, do campo do Currículo e dos Estudos de Gêneros e Sexualidades. A presente pesquisa sinaliza a potência de docências viadas nos anos iniciais da Educação Básica enquanto força criativa que afeta sujeitos, desnaturaliza discursos e produz torções curriculares.

Palavras-chave: Gêneros e sexualidades, Currículo, Docência viada.

INTRODUÇÃO

Durante um bom tempo, estudiosas/os, especialmente, filósofas/os propagaram em seus discursos e textos que a escola apenas reproduzia as desigualdades e violências sociais, o que influenciou pesquisadoras/es do campo da Educação. Althusser (1985), foi um dos teóricos que contribuíram com esse pensamento, enquadrando a escola com um dos Aparelhos Ideológicos de Estado. Portanto, ao longo do tempo, outras teorizações foram sendo produzidas, questionando essa noção de poder centralizado e

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), igormachadous@gmail.com.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

unilateral. Foucault (1988) foi um autor escolhido para pensar a instituição escolar não apenas como um *locus* de reprodução social, mas também de resistência.

Atualmente, estudos pós-críticos e foucaultianos do campo da Educação, vêm se debruçando e movimentando a fim de ascender resistências inventivas na escola, analisando e descrevendo docências criativas, propondo estratégias inteligentes, dando lentes para compreender processos de subjetivação e regulação que potencializam outros agenciamentos, construindo currículos e mundos outros possíveis. Essa é uma das minhas intenções com esse texto. Desse modo, tenho como objetivo central: problematizar, por meio de uma escuta autonarrativa, como minha experiência enquanto docente viado nos anos iniciais produz vazamentos e deslocamentos na ordem dos gêneros e sexualidades. Para isso, tomo a Escrivivência como percurso metodológico, por sua potência de dar voz a corpos marginalizados em busca de produzir outras histórias e narrativas, que borram legitimidades (Evaristo, 2020).

A fim de tensionar e valorizar as narrativas, elaborei o arcabouço teórico priorizando teorizações pós-críticas e pós-estruturalistas, em especial, do campo do Currículo e dos Estudos de Gêneros e Sexualidades, como Guacira Louro, Judith Butler, Marlucy Paraíso, Maria Claudia Dal'igna, Carlos Skliar, Michael Foucault e Tomaz Tadeu.

Este breve ensaio, apresenta-se como um ato de resistência, mas, acima de tudo, de criação e possibilidade. Penso que ao narrar minhas experiências alegres na docência, posso afetar docências outras num efeito rizomático possível e produtor de diferenças.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente trabalho aposta na Escrivivência de Conceição Evaristo como ferramenta metodológica. Desse modo, escrevo sobre minhas experiências como um docente dissidente que atuou nos anos iniciais, em especial, vivências que tive com uma turma de 2º ano dos anos iniciais, como professor alfabetizador. Tento mostrar como atuei sutil e criativamente, para romper normas de gêneros e sexualidades, desnaturalizar discursos, desafixar sujeitos e transformar a escola em um espaço de alegria e segurança.

Nesse sentido, faço cruzamentos entre narrativas profissionais pessoais com as teorizações escolhidas. Contudo, mesmo colocando, de algum modo, meu corpo e



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



minhas vivências no centro, calcadas em uma prática de produzir ciência -
Escrevivência- não se aproxima de uma mera ação contemplativa ou sequer de um
narcisismo. Pois, reconhece que o sujeito escreviente foi e é atravessado por outros
sujeitos que o constituem e que ele também atravessa outros (Evaristo, 2020). Nas
palavras de Evaristo (2020, p.35), o sujeito da escrevivência: “ao escrever a si próprio,
seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma
escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma
coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos anos, com o fortalecimento da extrema direita e de forças reacionárias, discussões sobre gênero e sexualidade passaram a ser, sistematicamente, perseguidas e barradas dos currículos e do cotidiano escolar a partir da falácia construída sob o slogan “Ideologia de Gênero” (Paraíso, 2018). Por consequência, inúmeras professoras e professores que insistem de forma ética e comprometida em discutir essas questões e em manter-se numa prática pautada nas Relações de Gênero e Sexualidade, são perseguidos, demitidos e violentados. Porém, em outros casos, o problema não é “somente” discutir gênero e sexualidade na escola, mas também a simples (r)existência de alguns/mas docentes. Docentes que não se enquadram e não vivem em seus corpos, subjetividades e gestos o esperado pela norma cis-heteronormativa.

Eu sou um destes professores que não se enquadram à norma, e por isso já senti na pele a dor da exclusão, da marginalização e da desvalorização enquanto professor viado que não consegue e não deseja ocultar a sua sexualidade. Sofri discriminação tanto por parte de colegas, como por parte de responsáveis dos/as alunos/as, sobretudo, por trabalhar com crianças. Mas hoje venho buscando transformar essa violência em resistência ocupando a escola e representando a diferença a partir da minha prática pedagógica. Desse modo, não me preocupo em performar meu corpo viado na sala de aula. Pelo contrário, busco afirmá-lo. O que, num primeiro contato com as crianças, geralmente causa um estranhamento. Elas perguntam: “Por que você tem voz e jeito de menina?”. Normalmente eu respondo: “mas quem disse que menino não pode falar e ser

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

assim? Você nunca viu outro menino se beijando com outro menino? E a conversa acaba tranquilamente sem se tornar uma questão maior. Corroborando, Louro (2000, p. 61-62) aponta que:

[...] ficamos desconfortáveis se, por algum motivo, nossa leitura não é imediatamente clara e reveladora; se, por algum motivo, não conseguimos enquadrar alguém (ou a nós próprios) numa identidade a partir da aparência de seu corpo. Afinal, o sujeito é masculino ou feminino? É branco ou negro? O corpo deveria fornecer as garantias para tais identificações.

Do mesmo modo, houve um burburinho na sala a primeira vez que eu falei que tinha um namorado, pois uma criança havia me perguntado, perto de outras, se eu era casado. Cochichos e risadas corriam pela sala. Quando percebi, intervi. Falei: “sim, o professor tem um namorado, o professor é gay. Vocês sabem o que significa isso?”. A maioria sabia, mas mesmo assim expliquei. E novamente trouxe outro questionamento: “Vocês não conhecem outras pessoas como eu?”. Alguns disseram que sim, inclusive, que tinham parentes e vizinhos. Finalizei a conversa falando que eu era como eles, que isso é algo normal e que eu mereço ser respeitado - compreendo, que é um discurso raso, que a diferença e a normalidade são histórica e socialmente construídas, mas acredito que eles não possuem inteligibilidade para entender isso ainda.

No caminhar das aulas e do ano letivo as crianças se acostumaram com meu jeito e com minha sexualidade. O estranhamento foi sendo estancado a partir de uma relação permanente de troca e afeto, devolvidos em forma de abraços, cartas, presentes, confissões, ou ainda, quando falavam ou perguntavam sobre o meu namorado. Nessa vivência cotidiana, eles/as conseguiram me ver como um sujeito integral e complexo, que tem medos, desejos, anseios e sonhos, e não somente a minha sexualidade de forma fragmentada. Uma relação de alteridade, onde não há apenas tolerância, aceitação ou indiferença, mas um viver juntos na radicalidade de subjetividades que transforma (Skliar, 2011).

Para que essa relação de alteridade se fortalecesse e também buscando “naturalizar” a homossexualidade, passei a falar sobre e representar famílias homoafetivas em slides nos mais diversos conteúdos, não focando na sexualidade, mas educando sobre sexualidade. Essa prática apresenta-se como uma estratégia que produz rachaduras na heterossexualidade compulsória (Butler, 2018), que a grosso modo, é o conjunto de normas, regulações e pressões que forçam os sujeitos a serem heterossexuais e negarem tudo que se afasta desse enquadramento.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

As imagens apresentadas na *Carta da Saúde Sustentável* produzem significados que produzem sujeitos e grupos e os hierarquizam (Silva, 1999). Casais e famílias heterossexuais representam o lugar de legitimidade e referência - bem como a branquitude. A heterossexualidade aparece do começo ao fim nos livros didáticos, apostilas, livros de literatura que compõem as bibliotecas, vídeos e filmes pedagógicos e demais materiais de apoio. Casais não heterossexuais só aparecem nas imagens pedagógicas quando se trata de tipos de famílias, em momentos específicos, ocupando o lugar da diversidade e, conseqüentemente, do exótico, do outro, de quem eu não devo ser (Louro, 2011). Ao analisar representações de famílias e de gênero em mais de 60 livros didáticos, Vianna e Ramires (2008, p.350) destacaram que:

podemos dizer que o conteúdo examinado aponta para um convívio tenso entre permanências (há fortes referências patriarcais em descrições sobre história, cotidiano, divisão sexual do trabalho, cuidado infantil, etc.) e mudanças (há famílias monoparentais, chefiadas por mulheres, lares adotivos, intergeracionais, multirraciais, com homens exercendo o cuidado infantil, etc.) nos padrões tradicionais de família. Ainda que, como discutiremos mais tarde, **a diversidade sexual continue silenciada quando se trata dos modelos de família divulgados por esses livros (grifo meu)**

Nesse sentido, conseguimos romper significações e sentidos na ordem de gênero e sexualidade quando represento famílias outras, bem como quando desvinculamos meninas da delicadeza e docilidade e meninos da agitação e liderança. Eu buscava representar isso nas imagens que levava também. Usava fotos de meninas jogando futebol, meninos demonstrando afeto, homens fazendo o trabalho doméstico, mulheres ocupando lugares de poder. Ademais, essa prática não se limitava só às imagens, mas à uma prática permanente e cotidiano, quando por exemplo, não fazia filas de meninos e meninas ou qualquer outra separação por gênero, quando falava que cor não tem gênero e dizia que a minha cor favorita era rosa, quando dizia que meninos podem chorar e os acolhia quando acontecia. Lembro-me do dia em que elogiei um aluno “afeminado” que estava com um casaco amarrado na cintura, dizendo que também gostava de me vestir daquele jeito, e no dia seguinte dei aula com um casaco amarrado como o garoto. Eu percebia seu olhar de admiração para comigo e a segurança que ele tinha de ser como desejava nas minhas aulas. Sabemos que os/as professores/as são referências para os/as alunos/as. Um professor viado pode ser uma referência que extrapola formas de



existência, pode afetar sujeitos, Gênero, Saúde e Sustentabilidade aula em um lugar de acolhimento, segurança e viver livre.

Em suma, posso relacionar minha prática educativa com a noção de docência de Maria Cláudia Dal'igna (2023). Para a autora, a docência é um ato afetivo. Afetivo enquanto substantivo, como cuidado, carinho e acolhida. Mas também como verbo, no sentido de afetar, mexer, tocar, transformar. Certamente, compreendendo o tempo fortemente reacionários em que vivemos, onde o medo às vezes me atravessa, mas não me paralisa. Assim, busco alternativas, brechas e caminhos outros para afirmar a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto, aposta na potência de docências viadas na Educação Básica, enquanto força criativa que afeta sujeitos, rompe normas e desnaturaliza discursos. Sujeitos como eu, não querem mais ficar escondidos. Queremos ser vistos, respeitados e valorizados. Apresento uma docência que arrebenta as portas do armário, e que pode tornar a escola e o mundo mais bonito e sereno. Vamos juntxs construir redes para colorir e metamorfosear a escola?

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio, 2018.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. *Nós da docência*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023 (no prelo)

EVARISTO, Conceição. "A escrevivência e os seus subtextos". In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.]

PARAISO, Marlucy. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan ideologia de gênero. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. (Orgs.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza, 2018. p. 23-52.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Sustentabilidade

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade, Volume 1: A vontade de saber.** Graal ed. Rio de Janeiro. 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46833/29119>> .
Acesso em: 19/12/2024.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação docente—revista brasileira de pesquisa sobre formação de professores**, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011. Disponível em:
<<https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbfp/article/view/31/30>> . Acesso em: 15/08/2024.

SKLIAR, Carlos. Conversar e conviver com os desconhecidos. **Políticas Públicas, Movimentos Sociais: Desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**, p. 27-37, 2011.

VIANNA, Cláudia; RAMIRES, Lula. A Eloquência do Silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. **Revista Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 345-362, 2008. Disponível em:
<<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v8n16/v8n16a11.pdf>> . Acesso em: 22/10/2024.

DA SILVA, Tomáz Tadeu. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular.** Autêntica Editora, 1999.